



## Pesquisa Biocultural na Amazônia: Entrevista com a Bioantropóloga Barbara Piperata<sup>1</sup>

Biocultural Research in the Amazon: Interview with Bioanthropologist  
Barbara Piperata

Entrevistada

Barbara Ann Piperata

The Ohio State University – Department of Anthropology

Entrevistadora

Ana Carolina Brito de Azevedo<sup>2</sup>

Universidade Federal do Pará- PPGA

anacarolinabrito020@gmail.com – <https://orcid.org/0000-0002-6033-0058>

### 1. APRESENTAÇÃO

Barbara Piperata é Ph.D e mestrado em Antropologia pela Universidade do Colorado - Boulder e é bacharela em Biologia pela Universidade do Novo México. Desenvolve pesquisas na área de Antropologia Nutricional, Segurança Alimentar e Hídrica, Saúde Materno-Infantil, Aleitamento Materno, Pobreza e Saúde, Abordagens Bioculturais, Teoria da História de Vida, no Brasil, Amazônia, Equador, Nicarágua. Em contextos urbanos e rurais na Nicarágua, Dra. Barbara Piperata pesquisou os efeitos da insegurança alimentar na saúde mental das mães, na dieta das crianças e no crescimento infantil. Na região amazônica do Brasil, pesquisou os impactos alimentares das rápidas mudanças econômicas e o papel do amplo programa brasileiro de redução da pobreza (Bolsa Família) nos padrões alimentares e na saúde humana. Atualmente, ela lidera um grande projeto multidisciplinar em Belém, Brasil, que busca entender como as crenças e práticas culturais se interseccionam com a pobreza familiar e a insegurança de recursos para moldar o desenvolvimento dos microbiomas intestinal e oral do bebê durante os dois primeiros anos de vida. É professora e diretora do curso de Antropologia Médica do Departamento de Antropologia da OSU e é codiretora do Laboratório de Antropologia Biológica Humana do mesmo departamento.

<sup>1</sup> Opcional para qualquer particularidade que não se adegue ao corpo do texto.

<sup>2</sup> Doutoranda e Mestra em Antropologia, na área de concentração de Bioantropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal do Pará.



**Figura 1** – Descrição Breve. Fonte: <https://u.osu.edu/piperata.1/>

Nota: Mulher sorrindo para foto com um macaquinho na cabeça.

## 2. ENTREVISTA

**Ana Azevedo** - Como a Antropologia, e logo depois a Bioantropologia surgiu na sua vida?

**Barbara Piperata** - Conquistei meu bacharelado em biologia. Meus temas favoritos na graduação eram ecologia e evolução. Quando me formei, candidatei-me a vagas no *Open Space and Mountain Parks* e nos parques municipais, que são bem grandes, onde eu poderia estudar ecologia e desenvolver programas de conservação. Não fui selecionada para essas vagas. Então, para conseguir um emprego, precisei ampliar meu escopo. Um amigo me contou sobre oportunidades em biotecnologia, então me candidatei e consegui um emprego em uma empresa de biotecnologia onde realizei análises para testar a pureza de medicamentos à base de proteínas. Tive um chefe fantástico e aprendi muito naquele trabalho. Tornei-me proficiente em muitas técnicas de laboratório, aprendi a gerenciar e selecionar amostras e a trabalhar em equipes interdisciplinares. Embora tenha gostado muito, sabia que queria trabalhar em campo em vez de no laboratório, então decidi fazer mais cursos na universidade com a esperança de obter um mestrado. Enquanto cursava biologia, principalmente genética molecular, vi um curso listado no departamento de antropologia intitulado "Ecologia Humana". Fiquei curiosa. Eu havia estudado ecologia,

mas essas aulas raramente abordavam a questão dos seres humanos. Me matriculei. A aula era ministrada pela Dra. Darna Dufour e aplicava princípios de ecologia e evolução para compreender a variação humana. Discutíamos tópicos fascinantes, incluindo como os humanos se adaptam a ambientes extremos – frio, calor, altitude. Abordamos crescimento humano, ecologia de doenças, ecologia reprodutiva, evolução da dieta humana e muito mais. Fiquei fascinada! Candidatei-me à pós-graduação para trabalhar sob a orientação de Darna e, quando fui aceita, pedi demissão. O resto, como dizem, é história.

**Ana Azevedo** - Como surgiu a possibilidade de fazer pesquisa na Amazônia, no começo dos anos 2000?

**Barbara Piperata** - Para o meu mestrado, usei dados coletados pelo Dr. Dufour em Cali, Colômbia, para investigar a variação nas reservas e mobilização de gordura corporal durante a gravidez. Isso despertou o meu interesse pela ecologia reprodutiva. Decidi que queria explorar como as mulheres se adaptavam às exigências energéticas da lactação para o meu trabalho de doutorado. Na época, os melhores trabalhos sobre esse tema foram realizados pela Dra. Catherine Panter-Brick e pelo Dr. Peter Ellison. No entanto, os seus trabalhos foram conduzidos em locais altamente sazonais, o que complicou a capacidade de explorar como as práticas culturais poderiam compensar os custos da lactação. Além disso, durante um curso de arqueologia na Nicarágua, apaixonei-me pela América Latina e soube que queria realizar a minha pesquisa nessa região. Sabendo dos meus interesses, o meu amigo íntimo e colega, Dr. Rui Murrieta, convidou-me para ir ao Brasil para considerar a possibilidade de realizar o meu trabalho na Amazônia oriental — um ambiente sazonal, mas muito menos sazonal do que aqueles em que Panter-Brick e Ellison haviam trabalhado. Depois de ler sobre a área e a prática do resguardo, viajei com Rui para a Floresta Nacional de Caxiuanã e conheci o povo ribeirinho que vive lá. Foi incrível! O ambiente e as pessoas eram incríveis. Mas também ficou claro que seria difícil realizar esse trabalho em uma área tão remota. Foi somente com o apoio de Rui, Walter Neves, Luciano de Assis Montag e os diretores do Museu Goeldi que consegui realizar essa pesquisa com sucesso.

**Ana Azevedo** - Conta mais um pouco como você chegou nas comunidades ribeirinhas, o que mais impactou você e como foi a pesquisa que você desenvolveu lá?

**Barbara Piperata** - A minha primeira visita foi em 2000. Fiquei impressionada com a vastidão do ambiente, o tamanho dos rios e a biodiversidade. Também fiquei impressionada com a forma como as pessoas manejavam o seu ambiente e garantiam o seu sustento – plantando, colhendo e caçando a maior parte dos alimentos que consumiam e construindo os seus próprios barcos (canoas) e casas com madeira local. Embora tivesse

lido sobre isso, como alguém que cresceu na cidade de Nova Iorque, nunca tinha testemunhado em primeira mão esse nível de autossuficiência. As pessoas manifestaram interesse no meu projeto e disposição para me hospedar nas suas comunidades e me ensinar sobre as suas vidas. Voltei para os Estados Unidos e, nos dois anos seguintes, elaborei o meu projeto e solicitei subsídios. Depois de garantir o financiamento, voltei para Caxiuanã em 2002 e fiquei até 2004, realizando 21 meses de pesquisa de campo. Durante esse tempo, morei principalmente nas comunidades ao redor da Floresta Nacional de Caxiuanã. Passando dias e noites nas comunidades, aprendi português. Participando da vida cotidiana, aprendi a plantar, capinar e colher mandioca, fazer farinha, fazer suco de açaí à mão e pescar. Aprendi muito sobre a Amazônia, o povo ribeirinho e a vida das mulheres, e sobre mim mesma. Essa experiência me transformou.

**Ana Azevedo** - Quais foram as principais mudanças na área da Antropologia Biológica de quando você iniciou para os dias atuais?

**Barbara Piperata** - Quando comecei a estudar antropologia, a investigação em biologia humana era predominantemente baseada no campo e preocupava-se com as formas como os seres humanos se adaptavam aos fatores de stress ambientais – clima, nutrição, ecologia das doenças etc. As questões de pesquisa eram frequentemente orientadas pela teoria evolutiva. Ao longo dos anos, o trabalho de campo continuou a ser comum, mas houve uma mudança para estudos mais baseados em laboratório e a adoção de projetos e questões de saúde pública. O quadro dos determinantes sociais da saúde influencia muito mais a investigação em biologia humana. O campo está agora mais empenhado em compreender como as desigualdades estruturais moldam a condição humana, especialmente a saúde, e, desta forma, foram construídas pontes com os subcampos da antropologia cultural e médica.

**Ana Azevedo** - Como pesquisar na Amazônia impactou na sua vida?

**Barbara Piperata** - Isso mudou completamente a minha vida. Aprendi muito sobre os meus pontos fortes e fracos e construí amizades duradouras com as pessoas com quem trabalhei. Os 21 meses de pesquisa me deram o conhecimento e a confiança necessários para garantir e manter uma carreira como professora universitária nos últimos 18 anos e formar uma nova geração de estudiosos. O conhecimento e a experiência que adquiri ao realizar meu trabalho abriram portas para novas pesquisas com diversos colaboradores ao longo dos anos. Tem sido um grande privilégio trabalhar com outros pesquisadores brasileiros e internacionais na Amazônia oriental e ocidental, tanto em áreas rurais quanto urbanas.

**Ana Azevedo** - Como você enxerga o campo bioantropológico para daqui 20 anos?

**Barbara Piperata** - É difícil dizer, considerando os tempos em que vivemos. Espero que a área continue a crescer e tenha um impacto maior nas políticas públicas. Os antropólogos muitas vezes não estão presentes quando são tomadas decisões que afetam as pessoas e o planeta. Isso é lamentável, pois a abordagem biocultural holística empregada pelos bioantropólogos é a mais adequada para compreender os nossos desafios complexos e melhorar a condição humana. Enquanto escrevo estas respostas, a ciência está sob ataque e a desigualdade e o sofrimento associado (humano e não humano) estão aumentando. Os antropólogos bioculturais são bem adequados para compreender e orientar soluções para os desafios que enfrentamos. No entanto, uma abordagem biocultural é desafiadora, pois exige leituras amplas e projetos de estudo complexos. Minhas experiências de trabalho com estudantes me dão esperança de que eles adotarão e continuarão a querer ver mudanças.

**Ana Azevedo** - Como é trabalhar com a nova geração de bioantropólogos/as na Amazônia?

**Barbara Piperata** - Trabalhar com a nova geração de bioantropólogos na Amazônia me dá esperança para o futuro. Estou constantemente impressionada com a sua mentalidade aberta, capacidade de pensamento crítico e ética de trabalho. Os estudantes com quem trabalhei demonstraram um enorme compromisso com a aprendizagem e nunca se esquivaram do trabalho árduo. Eles me inspiram, me energizam e me dão esperança de um futuro brilhante para a área no país.

## Agradecimentos

Agradeço a disponibilidade e gentileza da Professora Dra. Barbara Piperata em responder as minhas perguntas.

Recebido em 27 de junho de 2025.

Aceito em 09 de julho de 2025.